

Romanos 1

(1ª parte)

Escola Bíblica Dominical
Adultos

Sumário

1. Introdução

- 1.1 Propósito da Apostila
- 1.2 A Importância do Capítulo 1 de Romanos
- 1.3 Objetivos de Estudo para o Capítulo 1
- 1.4 O Apóstolo Paulo e Suas Epístolas
- 1.5 Contexto Histórico e Cultural de Roma

2. Capítulo 1 de Romanos: Saudação e Introdução Pessoal (1:1-7)

- 2.1 A Saudação Prolongada
- 2.2 Paulo como Servo de Cristo e Apóstolo
- 2.3 O Evangelho Prometido pelos Profetas
- 2.4 A Missão Apostólica de Pregar aos Gentios
- 2.5 Destinatários: Os Chamados de Jesus Cristo
- 2.6 Graça e Paz da Parte de Deus

3. O Poder do Evangelho (Romanos 1:8-17)

- 3.1 A Gratidão de Paulo pela Fé dos Romanos
- 3.2 Paulo Deseja Visitar Roma
- 3.3 A Fé Mútua
- 3.4 A Condição de Devedor de Paulo (14)
- 3.5 A Prontidão de Paulo para Pregar o Evangelho (15)
- 3.6 A vergonha do Evangelho (16)
- 3.7 O Evangelho: O Poder de Deus para Salvação
- 3.8 Justificação pela Fé para Judeus e Gentios

Este material de apoio foi cuidadosamente elaborado por João Pedro Silva de Souza¹ para servir como um recurso valioso no ensino e estudo da Escola Bíblica Dominical do Ministério Batista Novo Tempo. Com foco em oferecer um conteúdo didático e sério, a apostila foi organizada de maneira clara e acessível, visando a facilitar o entendimento e o aprofundamento nas Escrituras Sagradas.

É importante destacar que este material não reflete opiniões pessoais do autor. Todo o conteúdo foi balizado em sólidos referenciais teológicos, com base nas Escrituras Sagradas e nas obras de renomados teólogos, tanto brasileiros quanto estrangeiros. Portanto, qualquer interpretação aqui apresentada segue os princípios da fé cristã, estando fundamentada em uma compreensão robusta e responsável das fontes bíblicas e teológicas.

O propósito deste material é exclusivamente o de promover o Evangelho de Jesus Cristo e apoiar o aprendizado das Escrituras no contexto da Escola Bíblica Dominical. Ele não possui fins comerciais e foi produzido com o objetivo de auxiliar os irmãos e irmãs na fé a crescerem espiritualmente e a melhor compreenderem a profundidade do plano redentor de Deus para a humanidade.

¹ João Pedro Silva de Souza é advogado, bacharel e licenciado em Direito, com especialização em Educação: Docência no Ensino Superior e atualmente especializando-se em Direito. Além de sua atuação na área jurídica, possui experiência como professor de Direito. Bem como, atuou como professor de EBD para adolescentes (2021-2024). Desde 2014, dedica-se ao estudo da teologia, enriquecendo seu conhecimento por meio de cursos livres relacionados à educação e ao estudo da Bíblia, com o objetivo de integrar esses saberes ao contexto da fé cristã e ao ensino das Escrituras.

Introdução

1.1 Propósito da Apostila

Bem-vindo à nossa apostila sobre o Capítulo nº 1 do Livro de Romanos (1ª parte)! O objetivo desta apostila é fornecer uma análise detalhada do primeiro capítulo dessa carta escrita pelo Apóstolo Paulo. O Capítulo 1 de Romanos é uma das passagens fundamentais das Escrituras, pois estabelece as bases para a teologia apresentada ao longo do restante da epístola. Nele, Paulo introduz seu ministério, sua mensagem e dá início a uma profunda reflexão sobre o poder do evangelho e a condição moral da humanidade.

No contexto da época, a carta era o principal meio de comunicação à distância. Paulo, como apóstolo itinerante, não tinha acesso aos recursos de comunicação rápida que temos hoje; por isso, suas cartas eram a maneira de estabelecer e manter contato com as igrejas. As epístolas de Paulo não eram apenas mensagens pessoais, mas instruções teológicas e pastorais destinadas a comunidades inteiras. Hoje, essas cartas continuam sendo fundamentais para a fé cristã, fornecendo orientações doutrinárias e práticas para a vida cristã.

1.2 A Importância do Capítulo 1 de Romanos:

O primeiro capítulo de Romanos é significativo por várias razões. Ele contém a saudação mais longa entre as cartas paulinas, o que reflete a importância que Paulo atribui à igreja em Roma e à sua missão como apóstolo aos gentios. Neste capítulo, Paulo se apresenta e destaca sua missão de pregar o evangelho a todas as nações, revelando o poder transformador da mensagem de Cristo.

Além disso, o Capítulo 1 tem um propósito teológico profundo: Paulo começa a estabelecer a necessidade universal do evangelho. Ele mostra que todos, tanto judeus quanto gentios, estão sob o poder do pecado e necessitam da salvação que só pode ser encontrada em Cristo.

1.3 Objetivos de Estudo para o Capítulo 1:

- **Compreender o Contexto da Saudação de Paulo:** Analisar a saudação de Paulo e sua apresentação como apóstolo, entendendo o papel das cartas no contexto antigo e sua relevância atual.
- **Explorar o Poder do Evangelho:** Refletir sobre como Paulo apresenta o evangelho como o poder de Deus para a salvação e sua aplicação para todas as pessoas.
- **Entender a Depravação da Humanidade:** Examinar a descrição que Paulo faz sobre a depravação da sociedade gentílica, enfatizando a necessidade universal de redenção.
- **Aplicar os Ensinamentos do Capítulo à Vida Cristã:** Descobrir como os ensinamentos presentes nesse capítulo podem ser aplicados à nossa vida cotidiana e à nossa caminhada com Cristo.

1.4 O Apóstolo Paulo e Suas Epístolas

Paulo é considerado o maior teólogo do Novo Testamento e foi o autor de 13 das cartas que compõem esse bloco das Escrituras. Essas cartas, ou epístolas, foram escritas com o propósito de ensinar, corrigir, exortar e encorajar as igrejas e líderes cristãos da época. As cartas de Paulo podem ser classificadas em três categorias: cartas às igrejas, cartas pastorais e cartas pessoais.

Classificação das Epístolas de Paulo:

- **Cartas às Igrejas:** Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses.
- **Cartas Pastorais:** 1 e 2 Timóteo, Tito.
- **Cartas Pessoais:** Filemom.

A Epístola aos Romanos é amplamente considerada a mais profunda e teologicamente rica entre todas as cartas de Paulo.

Ela contém uma apresentação detalhada do evangelho e dos principais temas da fé cristã, como a justificação pela fé, a redenção, a graça e a salvação.

1.5 Contexto Histórico e Cultural de Roma

A igreja de Roma não foi fundada diretamente por Paulo, mas ele a considerava uma comunidade cristã de grande importância por estar localizada no coração do Império Romano, a maior e mais poderosa civilização da época. Roma, com sua influência política, econômica e cultural, era uma metrópole crucial para o avanço do cristianismo. A presença de uma igreja forte e unida em Roma era vista por Paulo como estratégica para a propagação do evangelho para o restante do império e além.

Roma: O Coração do Império



Roma, a capital do Império Romano, era uma cidade grandiosa, com uma população estimada em mais de um milhão de habitantes. Sendo o centro político e econômico do império, Roma representava o poder imperial, abrigando o Senado, a residência dos imperadores e um vasto número de funcionários públicos, militares e aristocratas. Além de seu poder político, a cidade também era um centro de cultura e conhecimento, com bibliotecas, academias e grandes escolas de filosofia, literatura e retórica.

A sociedade romana era altamente estratificada. Na base, encontravam-se os escravos, que constituíam uma parte significativa da população e realizavam grande parte do trabalho manual e doméstico. Acima deles, estavam os plebeus, a classe média da cidade, composta de comerciantes, artesãos e trabalhadores livres. No topo da pirâmide social, estavam os patrícios, uma elite formada por famílias ricas e influentes, proprietários de grandes terras e detentores de importantes cargos políticos. Havia ainda os libertos, ex-escravos que haviam comprado sua liberdade e que, em alguns casos, conseguiram ascender economicamente.

Multiculturalismo e Desafios Religiosos

Roma era uma cidade cosmopolita, atraindo pessoas de todas as partes do império e além. A cidade abrigava uma grande diversidade de etnias, culturas e religiões. Judeus, gregos, egípcios, africanos, celtas e muitos outros povos viviam lado a lado, trazendo consigo suas tradições religiosas e culturais. A religião oficial do império era o politeísmo romano, com templos dedicados a deuses como Júpiter, Marte e Vênus. Contudo, cultos orientais e mistérios estrangeiros, como o culto a Ísis e a Mitra, também floresciam em Roma.

Para os cristãos, esse contexto multicultural trazia tanto oportunidades quanto desafios. Por um lado, a diversidade religiosa permitia que o cristianismo se estabelecesse sem enfrentar uma oposição direta das autoridades romanas, desde que seus seguidores não causassem distúrbios públicos. No entanto, a igreja em Roma, composta por judeus e gentios convertidos, enfrentava desafios internos de coesão e doutrina. As diferenças culturais, religiosas e de práticas entre judeus e gentios muitas vezes geravam tensões e mal-entendidos sobre a natureza da fé cristã, a aplicação da Lei mosaica e o papel da tradição judaica na nova fé.

Paulo, portanto, escreveu sua carta aos Romanos em parte para tratar dessas questões, desejando unir os cristãos em uma compreensão comum do evangelho e de sua aplicação prática à vida. Ele reconhecia

que uma igreja dividida em Roma seria um grande obstáculo para a expansão do cristianismo no império, enquanto uma igreja unida poderia influenciar poderosamente o restante do mundo conhecido.

A Igreja em Roma e a Situação Política

Embora a igreja em Roma estivesse localizada no coração do império, ela também operava em um ambiente de crescente tensão política e religiosa. Em 49 d.C., o imperador Cláudio havia expulsado os judeus de Roma, em parte devido aos distúrbios relacionados à pregação do evangelho por cristãos judeus. Essa expulsão temporária criou um vácuo de liderança na igreja, que era em grande parte composta por gentios quando os judeus cristãos começaram a retornar após a morte de Cláudio em 54 d.C. Esse contexto político e social influenciou na dinâmica da igreja, e Paulo sabia que era necessário abordar questões de integração e unidade entre judeus e gentios.

A carta de Paulo aos Romanos foi escrita cerca de três anos após a morte de Cláudio, em 57 d.C., durante sua terceira viagem missionária, enquanto ele estava em Corinto. Neste momento, Nero, o novo imperador, ainda não havia iniciado a grande perseguição aos cristãos, mas as tensões estavam crescendo. Embora a igreja em Roma fosse composta por cristãos de diversas origens, Paulo sabia que eles precisariam estar espiritualmente fortalecidos e bem fundamentados em sua teologia para resistir aos desafios futuros.

1.6 A Estrutura Social e o Papel da Igreja em Roma

A estrutura social de Roma era complexa e influenciava diretamente a vida da igreja. Como uma cidade cosmopolita, com uma vasta diversidade étnica e cultural, Roma era uma encruzilhada de influências de todas as partes do império.

A igreja em Roma era, portanto, uma mistura de cristãos de diferentes origens, incluindo judeus e gentios, ricos e pobres, escravos e livres.

Uma das grandes questões enfrentadas pela igreja de Roma era a integração de judeus e gentios na mesma comunidade de fé. Para os judeus cristãos, havia um forte apego às tradições da Lei mosaica e à identidade étnica que os diferenciava dos gentios. Por outro lado, os cristãos gentios não compartilhavam dessas tradições e, muitas vezes, viam a Lei judaica como irrelevante para sua nova fé em Cristo. Esse conflito cultural e religioso ameaçava a unidade da igreja.

Paulo, em sua carta, faz um esforço significativo para superar essa divisão, ensinando que, em Cristo, não há distinção entre judeu e gentio, pois todos são justificados pela fé, e não pelas obras da Lei (Romanos 3:28-30). Ele argumenta que a salvação é oferecida a todos os que creem, independentemente de sua origem étnica ou observância da Lei. Essa mensagem de inclusão e unidade era crucial para fortalecer a igreja em Roma e prepará-la para os desafios futuros.

Além das questões internas, a igreja em Roma também desempenhava um papel social importante. Os cristãos, em sua maioria, eram considerados uma minoria marginalizada na sociedade romana.

No entanto, a comunidade cristã estava envolvida em atos de caridade, assistência aos necessitados e acolhimento de estrangeiros, o que lhes conferia um papel social importante dentro da cidade. Esses atos de compaixão e cuidado pelos menos favorecidos destacavam os cristãos em um ambiente marcado por desigualdades sociais e práticas religiosas politeístas.

A igreja também enfrentava a pressão da lealdade ao império. Enquanto os romanos veneravam o imperador como uma figura divina, os cristãos declaravam que somente Jesus era Senhor. Essa convicção, embora inicialmente tolerada, começaria a gerar perseguições severas nas décadas seguintes, especialmente sob o reinado de Nero, quando os cristãos foram culpados pelo grande incêndio de Roma em 64 d.C.

Transcrição do Capítulo 1 de Romanos (Almeida Revista e Corrigida)

1 Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus,

2 o qual antes prometeu pelos seus profetas nas Santas Escrituras,

3 acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne,

4 declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor,

5 pelo qual recebemos a graça e o apostolado, para a obediência da fé entre todas as nações pelo seu nome,

6 entre as quais sois também vós chamados para serdes de Jesus Cristo.

7 A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados santos: Graça e paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

8 Primeiramente, dou graças ao meu Deus, por Jesus Cristo, acerca de vós todos, porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé.

9 Porque Deus, a quem sirvo em meu espírito no evangelho de seu Filho, me é testemunha de que, sem cessar, faço menção de vós,

10 pedindo sempre em minhas orações que, nalgum tempo, pela vontade de Deus, se me ofereça boa ocasião de ir ter convosco.

11 Porque desejo ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais confortados;

12 isto é, para que juntamente convosco eu seja consolado pela fé mútua, assim vossa como minha.

13 Não quero, porém, irmãos, que ignoreis que, muitas vezes, propus ir ter convosco (mas até agora tenho sido impedido), para também entre vós ter algum fruto, como também entre os outros gentios.

14 Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes.

15 E assim, quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar o evangelho, a vós que estais em Roma.

16 Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego.

17 Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé.

18 Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça;

19 porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou.

20 Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis;

21 porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, em seus discursos, se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu.

22 Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos

23 e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, de aves, de quadrúpedes e de répteis.

24 Pelo que também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem o seu corpo entre si;

25 pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém!

26 Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza.

27 E, semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro.

28 E, como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm;

29 estando cheios de toda a iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade;

30 sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes ao pai e à mãe,

31 néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia.

32 Os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem.

2. Capítulo 1 de Romanos: Saudação e Introdução Pessoal (1:1-7)

O primeiro capítulo de Romanos inicia-se com uma saudação formal, que segue o estilo típico das cartas da época, mas que, no caso de Paulo, é profundamente enraizada em uma teologia rica e em uma apresentação pessoal clara de sua missão apostólica. Esses primeiros versículos estabelecem a autoridade de Paulo, apresentam o tema do evangelho e destacam sua ligação com a igreja de Roma, à qual ele ainda não havia visitado pessoalmente, mas com a qual já mantinha uma relação espiritual profunda. Aqui, veremos a estrutura dessa saudação e o que ela revela sobre o propósito e o coração de Paulo.

2.1 A Saudação Prolongada: A Conexão de Paulo com a Igreja de Roma

Algo que se destaca na Carta aos Romanos é que Paulo oferece a saudação mais extensa de todas as suas cartas, cobrindo os versículos de Romanos 1:1-7. Esse detalhe é significativo, e há razões para isso. Em suas outras epístolas, Paulo já havia visitado as igrejas destinatárias ou estava escrevendo para comunidades com as quais tinha uma relação prévia. Porém, no caso dos romanos, ele ainda não havia estado em Roma nem conhecido pessoalmente muitos dos crentes que lá viviam. Por isso, essa saudação mais longa serviu para se apresentar, explicar sua missão e estabelecer um fundamento teológico claro para a mensagem que iria desenvolver ao longo da carta.

Paulo sabia que sua carta seria lida em uma comunidade composta por judeus e gentios, com diferentes expectativas e níveis de compreensão do evangelho. Portanto, sua saudação foi elaborada de maneira a incluir e afirmar a todos, estabelecendo uma base sólida para a unidade em Cristo e preparando o terreno para as discussões teológicas mais profundas que viriam nos capítulos seguintes.

Além disso, Paulo enfatiza, logo na saudação, o evangelho como o cumprimento das promessas feitas por Deus através dos profetas nas Escrituras (Romanos 1:2). Ele também se descreve como um servo de Cristo e apóstolo chamado para anunciar esse evangelho, salientando seu papel especial na proclamação das boas novas aos gentios (Romanos 1:5). Paulo sentia a responsabilidade de preparar o terreno, introduzindo-se de maneira detalhada para conquistar a confiança dos cristãos romanos. Como veremos no item 1.2 e seguintes.

O renomado teólogo brasileiro Hernandes Dias Lopes comenta sobre essa introdução de Paulo, afirmando que ela é mais do que uma mera saudação formal: "Paulo estava anunciando a grandiosidade do evangelho logo de início, enfatizando que o evangelho é de Deus, foi prometido pelos profetas e tem Cristo como seu centro. A saudação não é apenas um cumprimento, mas uma declaração de sua missão apostólica e da centralidade de Cristo" (LOPES, Hernandes Dias. Romanos: O Evangelho Segundo Paulo).

Já o teólogo e pastor Augustus Nicodemus Lopes destaca a importância desse começo mais extenso em Romanos: "Paulo dedica-se a esclarecer quem ele é e qual a autoridade que carrega. É um embaixador de Cristo, portador de uma mensagem divina, e o peso dessa responsabilidade se reflete na profundidade de sua introdução. Ele está escrevendo para uma igreja importante, situada no centro do império, e precisa deixar claro o propósito de sua missão desde os primeiros versículos" (NICODEMUS, Augustus. O Evangelho de Paulo).

2.2 Paulo como Servo de Cristo e Apóstolo

No versículo 1, Paulo se identifica como "servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo". Essa dupla identificação é significativa e carrega um peso teológico importante. Ao se chamar de "servo", Paulo está utilizando a palavra grega *doulos*, que literalmente significa "escravo".

Isso mostra a total submissão e obediência de Paulo ao senhorio de Cristo. Ele não é apenas um seguidor, mas alguém que foi comprado por um preço e agora pertence inteiramente a Cristo.

Além de servo, Paulo se apresenta como "chamado para apóstolo". Esse chamado não é fruto de uma escolha pessoal, mas da eleição soberana de Deus. Em Gálatas 1:15-16 (NVI), Paulo diz: "Mas, quando Deus, que me separou desde o ventre de minha mãe e me chamou pela sua graça, resolveu revelar seu Filho em mim para que eu o pregasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue". Essa declaração demonstra que Paulo entendia seu chamado como parte do plano soberano de Deus, estabelecido desde antes de seu nascimento.

Essa ideia de ser escolhido antes do nascimento também é encontrada nos escritos de Davi. No Salmo 139:13-16 (NVI), Davi expressa que Deus o conhecia desde o ventre materno e que todos os seus dias estavam escritos antes de qualquer um deles existir: "Tu criaste cada parte do meu corpo; tu me formaste na barriga da minha mãe. Eu te louvo porque deves ser temido. Tudo o que fazes é maravilhoso, e eu sei disso muito bem". Essa perspectiva reforça a compreensão de que tanto Paulo quanto Davi reconhecem que seu chamado e missão eram parte do plano divino, estabelecido antes mesmo de nascerem.

A missão apostólica de Paulo, portanto, não é um acontecimento aleatório, mas uma parte fundamental do desígnio de Deus para a redenção e propagação do evangelho entre todas as nações.

Ao falar sobre isso Hernandes Dias Lopes destaca que "a escolha de Paulo como apóstolo é uma demonstração da graça soberana de Deus. Paulo não se tornou apóstolo por mérito próprio, mas por um chamado divino que precede seu nascimento" (Lopes, Hernandes Dias. Romanos: A Verdadeira Justiça. Editora Hagnos, 2011, p. 23).

Complementando, Cláudio D. S. Costa argumenta que "o termo 'servo' também implica um relacionamento íntimo e de total dependência de Cristo. A missão de Paulo é uma extensão do chamado de Deus, refletindo um padrão que é visto na vida de todos os servos de Deus em Escritura" (Costa, Cláudio D. S. A Verdadeira Missão: Um Estudo em Romanos. Editora Vida, 2015, p. 10).

2.3 O Evangelho Prometido pelos Profetas

Paulo, em sua saudação, também faz questão de ressaltar que o evangelho que ele prega não é uma mensagem nova ou inovadora, mas algo que Deus prometeu "pelos seus profetas nas Santas Escrituras" (v. 2).

Isso sublinha a continuidade entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento. A mensagem de Paulo, que se centraliza em Jesus Cristo, não era uma ruptura com a tradição judaica, mas o cumprimento das promessas messiânicas que os profetas haviam proclamado.

João Calvino resalta essa ideia ao escrever: "O evangelho não foi dado pelos profetas, mas prometido por eles; o que foi profetizado é agora anunciado" (CALVINO, 2006, p. 105).

Essa perspectiva reforça que o evangelho é a realização de uma promessa antiga, e não uma invenção recente. Calvino reconhece que, embora o evangelho tenha sido revelado plenamente com a vinda de Cristo, suas raízes estão profundamente fincadas nas promessas do Antigo Testamento.

O evangelho, portanto, tem uma antiguidade que remonta às promessas feitas pelos profetas. Isso não só confere uma base histórica sólida à mensagem cristã, mas também demonstra que o evangelho é o cumprimento do plano divino revelado ao longo dos tempos. Essa visão é apoiada por diversos teólogos e estudiosos.

Hernandes Dias Lopes destaca que "o evangelho não surge como uma inovação, mas é a continuação e o cumprimento das promessas feitas pelos profetas no Antigo Testamento. A mensagem cristã é uma concretização da revelação divina que começou com os profetas" (LOPES, 2012, p. 89).

Augustus Nicodemus afirma que "o evangelho é a realização das promessas antigas, e não um conceito novo. Isso é fundamental para entender a legitimidade e a continuidade da mensagem cristã, que se alinha com as expectativas messiânicas do Antigo Testamento" (NICODEMUS, 2015, p. 102).

F. F. Bruce explica que "o evangelho não é uma nova invenção, mas a realização das promessas feitas por Deus desde os tempos antigos. Paulo sublinha essa continuidade para afirmar que a mensagem cristã é a culminação do plano de Deus anunciado pelos profetas" (BRUCE, 1986, p. 55).

O teólogo Richard N. Longenecker ressalta que "a apresentação de Paulo do evangelho como promessa realizada evidencia que o cristianismo é a continuidade, e não a ruptura, da revelação divina. O evangelho é o cumprimento das expectativas messiânicas e das promessas feitas por Deus ao longo da história" (LONGENECKER, 1999, p. 78).

Isso é importante, pois reforça que o evangelho não é uma invenção de Paulo ou uma nova seita, mas a culminação do plano de salvação de Deus para a humanidade, anunciado desde os tempos antigos.

Para a igreja em Roma, composta por judeus e gentios, essa ênfase na promessa profética garantiria a ambos os grupos que o evangelho de Cristo era a verdadeira e legítima expressão da fé em Deus, conforme revelado nas Escrituras Hebraicas.

Além disso, Paulo também menciona em Romanos 1:3-4 aspectos fundamentais do evangelho: a encarnação e a ressurreição de Jesus Cristo. Ele escreve que Jesus "foi descendente de Davi segundo a carne" (v. 3) e "foi declarado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos" (v. 4).

Hernandes Dias Lopes argumenta que Jesus era descendente de Davi tanto pelo lado de Maria quanto pelo lado de José, o que reforça a legitimidade de Sua herança davídica. Ele destaca: "Jesus, em Sua natureza humana, é descendente de Davi tanto por parte de Maria quanto de José. A genealogia em Mateus nos mostra a descendência legal de Jesus através de José, enquanto a genealogia em Lucas nos revela a descendência biológica através de Maria." (LOPES, 2012).

Estas declarações são centrais para a mensagem cristã, pois a encarnação de Cristo representa a entrada de Deus na história humana de forma tangível e acessível, enquanto a ressurreição valida a sua divindade e o poder da sua mensagem de salvação.

A encarnação e a ressurreição não são apenas eventos isolados, mas parte do plano redentor de Deus anunciado desde os tempos antigos. A ressurreição, em particular, é o selo da autenticidade da missão de Cristo e da vitória sobre a morte e o pecado (STOTT, 1994).

Acerca da ressurreição essa se constitui como maior prova de que era filho de Deus. No versículo 4 de Romanos 1, Paulo destaca que a ressurreição de Jesus é a prova definitiva de Sua identidade como Filho de Deus. Ele afirma que Jesus foi "Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos." Esta ressurreição não apenas confirma Sua divindade, mas também é a manifestação do poder de Deus. Durante Sua vida terrena, Jesus demonstrou Sua filiação divina em humildade e sofrimento, mas a ressurreição o exalta com poder, confirmando Sua autoridade e soberania.

Paulo faz uma distinção importante: enquanto a humanidade de Jesus foi evidenciada em Seu sofrimento e morte, Sua divindade é plenamente revelada através da ressurreição. O Espírito Santo desempenhou um papel crucial nesse processo, desde o nascimento até a ressurreição, evidenciando a santidade e o poder divinos de Cristo.

A ressurreição, portanto, é a prova conclusiva da filiação de Jesus como Filho de Deus e é central para a fé cristã, pois valida o sacrifício de Jesus e a promessa de vida eterna. Sem ela, a fé cristã perderia seu fundamento, como Paulo ressalta em 1 Coríntios 15:14, onde afirma que, se Cristo não ressuscitou, nossa fé seria em vão.

Em contraste com outras figuras históricas consideradas divinas, a ressurreição de Jesus é única e incomparável. Enquanto outras figuras, como faraós ou imperadores romanos, morreram e permaneceram mortos, Jesus venceu a morte e ressuscitou, oferecendo aos crentes a promessa de vida eterna e demonstrando Seu poder supremo sobre a morte e o pecado. Essa vitória é a base da fé cristã e garante que a morte foi derrotada e a vida eterna está assegurada para todos os que creem em Cristo.

2.4 A Missão Apostólica de Pregar aos Gentios

Nos versículos 5 e 6, Paulo define sua missão apostólica como um "apostolado para a obediência da fé entre todas as nações" (v. 5). Sua missão vai além das fronteiras de Israel; ela é direcionada aos gentios (não-judeus). Isso é central no ministério de Paulo e um tema constante em suas epístolas. Ele foi chamado especificamente para levar o evangelho às nações gentílicas, o que era uma expansão radical do que havia sido o foco inicial da igreja, que começou como um movimento quase exclusivamente judaico.

A missão apostólica de Paulo é um reflexo do chamado divino que ele recebeu, como mencionado em Gálatas 1:15-16. Paulo se via como um vaso escolhido para levar a Boa Nova a todos os povos, não apenas aos judeus.

Esse aspecto da sua missão foi fundamental para a expansão do cristianismo além das fronteiras judaicas e para a inclusão dos gentios na comunidade da fé.

A dedicação de Paulo à sua missão é evidenciada ao longo de suas epístolas e viagens missionárias, onde ele se esforçou para pregar em locais estratégicos e desafiadores. Sua visão abrangente e a missão global destacam a importância da inclusão dos gentios no plano de salvação de Deus e refletem o cumprimento das promessas feitas no Antigo Testamento sobre a salvação para todos os povos (HAYS, 2009).

Em Romanos 1:5, ele afirma: "Por meio dele recebemos a graça e o apostolado para promover a obediência à fé entre todas as nações, por amor do seu nome."

A expressão "obediência da fé" revela que o propósito do evangelho não é apenas o conhecimento intelectual ou a crença, mas a transformação completa da vida através da obediência a Cristo. Paulo vê sua missão como algo que deve produzir frutos visíveis de mudança na vida das pessoas, levando-as a obedecer a Deus por meio da fé.

2.5 Destinatários: Os Chamados de Jesus Cristo

Em Romanos 1:6-7, Paulo se dirige aos destinatários da carta como "chamados para ser santos" e "amados de Deus em Roma". Esta designação é significativa por várias razões. Primeiro, a ideia de ser "chamado" para a santidade reflete a vocação divina que cada cristão tem para viver de acordo com os padrões de Deus e refletir Seu caráter.

Paulo usa a expressão "chamados de Jesus Cristo" para sublinhar que a relação entre os crentes e Cristo não é meramente uma questão de escolha humana, mas um ato de convocação divina.

O chamado para a santidade é um tema central em suas cartas e reflete o desejo de Deus para que Seus seguidores vivam uma vida de pureza e dedicação a Ele (SILVA, 2007).

Em 1 Coríntios 6:19-20 (NVI), Paulo também diz:

"Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo, que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o corpo de vocês."

Este versículo afirma que os crentes pertencem a Deus, pois foram comprados por Ele através do sacrifício de Cristo. Isso enfatiza que nossas vidas devem ser vividas para a glória de Deus.

A inclusão dos gentios na comunidade cristã e a sua chamada para a santidade são aspectos fundamentais da mensagem de Paulo, destacando a universalidade do evangelho e a importância de viver de acordo com os princípios de Deus.

Este chamado é uma confirmação de que a salvação e a santidade são oferecidas a todos, independentemente de sua origem étnica ou cultural (Wright, 2004).

2.6 Graça e Paz da Parte de Deus

O Ap. Paulo conclui sua saudação com a expressão “graça e paz da parte de Deus”. Esta saudação não é apenas uma formalidade, mas um desejo sincero para os destinatários.

A “graça” refere-se ao favor imerecido de Deus, essencial para a salvação e o relacionamento com Ele. “Paz” denota a harmonia e a reconciliação trazidas pelo evangelho, a paz que Jesus oferece a todos que creem Nele.

Paulo deseja "graça e paz," duas palavras centrais em suas saudações. A "graça" é o favor imerecido que Deus concede aos crentes, que se manifesta na salvação e no perdão dos pecados, conforme Efésios 2:8-9, que enfatiza que somos salvos "pela graça, mediante a fé." A "paz," por sua vez, é a consequência dessa graça, uma reconciliação com Deus que traz serenidade e plenitude.

Em Romanos 5:1, Paulo explica que "tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo." Essa paz não é apenas uma sensação interna, mas uma nova realidade em que o relacionamento com Deus foi restaurado, removendo a inimizade causada pelo pecado. A paz é relacional, duradoura e baseada na justiça de Cristo, o que nos permite viver em harmonia com Deus e acessar Sua graça (Romanos 5:10; 1 Tm 2:5).

Importância da Paz com Deus: A paz com Deus representa a restauração do relacionamento entre a humanidade e o Criador, rompido pelo pecado. Não estamos mais sob a ira divina, mas vivemos em harmonia com Deus, uma paz que é permanente e garantida pela justiça de Cristo (Efésios 2:14; Colossenses 1:20). A graça de Deus, que nos é oferecida em Cristo, traz uma paz que ultrapassa o entendimento humano (Filipenses 4:7), permitindo-nos viver sem medo e com a certeza do amor eterno de Deus (Romanos 8:38-39; João 10:28-29).

Mais uma vez citado o teólogo Hernandes Dias Lopes, ele explica que "a graça e a paz são inseparáveis na vida cristã; a primeira nos dá acesso a Deus e a segunda nos concede tranquilidade e segurança em nossa jornada de fé" (LOPES, 2012). A saudação de Paulo, portanto, encapsula a essência da experiência cristã: a recepção do favor divino e a vivência em paz com Deus.

Em resumo, Paulo utiliza "graça e paz" para passar a essência do evangelho: o favor imerecido de Deus e a reconciliação duradoura com Ele. Esses presentes são a base da vida cristã e garantem aos crentes uma nova realidade de harmonia com Deus e esperança eterna.

3. O Poder do Evangelho (Romanos 1:8-17)

3.1 A Gratidão de Paulo pela Fé dos Romanos

No início de sua epístola, Paulo expressa profunda gratidão pela fé dos cristãos em Roma. No versículo 8, ele afirma: “Primeiramente, dou graças ao meu Deus, por meio de Jesus Cristo, por todos vós, porque em todo o mundo é divulgada a vossa fé.” (Romanos 1:8).

A fé dos romanos é notável e amplamente reconhecida, e Paulo usa essa gratidão para estabelecer uma base de encorajamento e comunhão com a igreja em Roma.

A fé dos romanos é descrita como “divulgada em todo o mundo,” o que sugere que seu testemunho e compromisso com o evangelho têm um impacto global. Fé aqui se refere à confiança e fidelidade em Deus. Esta fé não é apenas um sentimento interno, mas uma realidade visível que influencia a vida e a prática dos crentes (Bruce, 2010).

3.2 Paulo Deseja Visitar Roma

Paulo expressa um desejo profundo de visitar a igreja em Roma. No versículo 11, ele escreve: “Porque desejo ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais confirmados.” (Romanos 1:11). Paulo vê a visita a Roma como uma oportunidade para fortalecer a fé dos cristãos ali, compartilhar ensinamentos e promover a edificação mútua.

A expressão “dom espiritual” do grego indica a transmissão de bênçãos espirituais e ensinamentos que reforcem a vida cristã. Paulo considera essa visita não apenas como um benefício para ele, mas também para a igreja, reafirmando a importância do encorajamento mútuo na fé (Stott, 2006).

3.3 A Fé Mútua

No versículo 12, Paulo menciona a fé mútua: “Isto é, para que eu seja consolado juntamente convosco pela fé mútua, tanto vossa como minha.” (Romanos 1:12). A fé mútua refere-se ao compartilhamento e encorajamento recíproco na fé. Paulo valoriza a troca espiritual e o fortalecimento que vem dessa comunhão.

Lopes destaca que a “fé mútua” se refere ao relacionamento de encorajamento e fortalecimento espiritual que Paulo busca com a comunidade romana. Ele aponta que a fé de Paulo é alimentada pela fé dos Romanos e vice-versa, criando uma interdependência espiritual (Lopes, 2018).

John Stott também comenta que Paulo vê a comunidade romana não apenas como receptora de um dom espiritual, mas como participante ativa no encorajamento mútuo: “A fé mútua implica em um compartilhamento de experiências e crescimento espiritual entre os crentes, o que é vital para o fortalecimento da igreja” (Stott, 1994).

3.4 A Condição de Devedor de Paulo (14)

Além disso, Paulo se considera “devedor” no versículo 14: “Sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes.” (Romanos 1:14).

A palavra grega para “devedor” significa alguém que tem uma obrigação ou dívida. Paulo usa essa metáfora para expressar sua responsabilidade e compromisso em compartilhar o evangelho com todos, independentemente de sua origem cultural ou social.

Essa dívida não é uma carga, mas uma motivação para cumprir sua missão evangelística. Um dever, um chamado universal a todos que receberam a graça de Cristo.

Segundo Hernandes Dias Lopes, a ideia de “devedor” reflete a compreensão de Paulo de que o evangelho é um tesouro que ele deve compartilhar com todos, independente de sua condição social ou intelectual (Lopes, 2018).

F. F. Bruce também enfatiza que o uso do termo “devedor” revela o senso de responsabilidade de Paulo em relação à missão que lhe foi confiada: “Para Paulo, a pregação do evangelho não é uma opção, mas uma obrigação que decorre do chamado divino” (Bruce, 2010).

3.5 A Prontidão de Paulo para Pregar o Evangelho (15)

Paulo expressa sua disposição e prontidão para pregar o evangelho em Roma e além. No versículo 15, ele diz: “Por isso, estou pronto para anunciar o evangelho também a vós outros que estais em Roma.” (Romanos 1:15).

A palavra “pronto” indica um estado de prontidão e entusiasmo para realizar uma tarefa.

Esta prontidão é um reflexo do compromisso de Paulo com a missão evangelística, e sua disposição para enfrentar desafios e adversidades para cumprir sua chamada.

Ele vê o evangelho como uma mensagem vital que deve ser compartilhada com todos, demonstrando seu fervor e dedicação ao ministério (Wright, 2016).

Paulo pregava em prisão e em liberdade; nas sinagogas e nas cortes; nos lares e nas praças. Pregava em pobreza ou com fartura. Chegou a dizer: “Ai de mim, se não pregar o evangelho” (1Co 9.16). Falando aos presbíteros, declarou: “Mas de nada faço questão, nem tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira, e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus.” (At 20.24).

3.6 A vergonha do Evangelho (16)

O verso de Romanos 1:16, em que o apóstolo Paulo declara: "Porque não me envergonho do evangelho, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê", traz uma afirmação enfática e contracultural para a época.

A profundidade dessa declaração está no fato de que havia várias razões para que Paulo se envergonhasse do evangelho. Porém, sua convicção de que o evangelho é "o poder de Deus para a salvação" prevalece sobre qualquer motivo de vergonha.

3.6.1 O Evangelho e sua Identificação com um Carpinteiro Crucificado

A primeira razão para que Paulo pudesse se envergonhar do evangelho era o fato de que ele estava vinculado a um carpinteiro judeu, Jesus de Nazaré, que foi condenado e executado da maneira mais humilhante possível: a crucificação.

A crucificação, na sociedade romana, era uma punição reservada para os piores criminosos, como traidores, escravos revoltosos e bandidos de alta periculosidade. Para os judeus, ela representava maldição, conforme descrito em Deuteronômio 21:23: "Aquele que é pendurado no madeiro é maldito por Deus."

De acordo com **Hernandes Dias Lopes**, esse aspecto era central para o potencial de vergonha que Paulo poderia sentir, pois "anunciar um Messias crucificado era um escândalo tanto para os judeus como para os gentios" (Lopes, 2010, p. 45).

Além disso, a posição humilde de Jesus como carpinteiro, e não como um rei poderoso, contrariava as expectativas messiânicas da época.

O evangelho proclamado por Paulo girava em torno de um evento chocante: a morte de Jesus Cristo na cruz. A crucificação era o meio de execução mais cruel e humilhante conhecido no Império Romano. Era reservada principalmente para criminosos notórios, rebeldes políticos, escravos e os considerados "escória" da sociedade. O filósofo romano Cícero chamou a crucificação de "a punição mais cruel e repugnante possível."

De acordo com a lei judaica, ser pendurado numa cruz era visto como uma maldição (Deuteronômio 21:23), e isso reforçava a humilhação associada a esse tipo de morte.

O evangelho, que se centrava na crucificação de Jesus, não era facilmente aceito pelos judeus, para quem a ideia de um Messias crucificado era impensável, nem pelos gentios, que viam a cruz como um escândalo e loucura.

Mesmo após a ressurreição de Cristo, a cruz não perdeu seu simbolismo de humilhação e vergonha. O fato de que o Salvador do mundo foi condenado a morrer em um madeiro continuava a ser um obstáculo, conforme Paulo escreve em **1 Coríntios 1:23**: "Mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios". A ressurreição, apesar de ser a glorificação de Jesus, não apagava a vergonha pública e social da cruz.

3.6.2 O Desprezo dos Sábios do Mundo pelo Evangelho

Outra razão pela qual Paulo poderia se envergonhar do evangelho é o fato de que a mensagem de salvação em Cristo sempre enfrentou desprezo e zombaria por parte dos sábios e poderosos do mundo. Paulo, que antes havia sido um fariseu influente e educado, abandonou seu status social e posição religiosa para seguir e pregar uma mensagem considerada "insensata" e "irracional" para os padrões do mundo da época.

O teólogo **John Stott** comenta que "o evangelho sempre foi uma mensagem contra a corrente. Desde o início, ele é confrontado pelo desprezo dos poderosos e a rejeição daqueles que consideram sua sabedoria superior à loucura da cruz" (Stott, 2002, p. 57).

Paulo experimentou isso ao pregar aos gentios e ao ser zombado por filósofos em Atenas, conforme descrito em **Atos 17:32**: "Quando ouviram falar da ressurreição dos mortos, uns zombaram". Portanto, havia uma pressão constante para que Paulo se envergonhasse do evangelho diante do desprezo intelectual e cultural.

3.6.3 O Evangelho Centrado na Cruz como Escândalo para Judeus e Loucura para Gentios

A centralidade da cruz no evangelho de Cristo era um obstáculo tanto para judeus quanto para gentios.

Para os judeus, era incompreensível que o Messias pudesse sofrer uma morte tão vergonhosa. Eles esperavam um libertador poderoso, e não um Messias crucificado.

A expectativa dos judeus quanto ao Messias estava profundamente enraizada em uma visão política e militar de libertação. Eles aguardavam um libertador poderoso, alguém que viria com força, derrotaria os inimigos de Israel e restabeleceria o reino de Davi.

Essa figura deveria ser majestosamente imponente, como um rei que entraria em Jerusalém montado em um cavalo poderoso e imponente, símbolo da força militar e da soberania sobre outros povos.

Era comum na antiguidade que reis, imperadores e generais entrassem triunfantes em suas cidades montados em cavalos, especialmente em grandes desfiles após uma vitória militar. A cor e o tipo do cavalo podiam indicar a posição, o poder ou a intenção do líder.

Por exemplo, cavalos brancos eram frequentemente usados por reis ou comandantes para simbolizar pureza, vitória e poder. Eles representavam supremacia e estavam diretamente associados à imagem de um conquistador que traz ordem e controle.

Nos relatos apocalípticos, como em **Apocalipse 19:11**, vemos Cristo descrito montado em um cavalo branco no momento de sua segunda vinda, simbolizando sua vitória e seu domínio definitivo sobre o mal. No entanto, essa não foi a imagem apresentada por Jesus em sua primeira vinda.

Jesus, ao entrar em Jerusalém montado em um jumento (ou asno), subverte completamente essa expectativa messiânica. A escolha de um jumento é altamente simbólica e profética. **Mateus 21:5** faz uma citação direta de **Zacarias 9:9**: "Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei vem a ti, manso, montado em um jumento, num jumentinho, cria de animal de carga".

Essa passagem revela o caráter do reinado de Cristo: ele não é um conquistador militar, mas o príncipe da paz. O jumento, ao contrário do cavalo, era um animal humilde, usado para transporte comum e carga, simbolizando paz e simplicidade.

A entrada de Jesus em Jerusalém sobre um jumento destaca sua missão pacífica e espiritual, em vez de uma revolta política ou militar. Isso também contrasta radicalmente com os líderes da época, que se orgulhavam de suas exibições de poder e força. A mensagem de Jesus era de um reino celestial, não terreno, e isso contribuiu para o escândalo de sua mensagem.

O teólogo F. F. Bruce observa que "ao escolher um jumento, Jesus proclamou um reino de paz e justiça, não um reino de guerra e opressão, frustrando as expectativas daqueles que queriam um libertador político" (Bruce, 1981, p. 48). Ao se submeter à humilhação da cruz e escolher uma entrada triunfal com simplicidade, Jesus reverte as noções humanas de poder.

Ele não apenas nega as expectativas de um Messias guerreiro, mas se apresenta como o Messias que vence pela humildade, pelo serviço e pelo sacrifício. É esse mesmo evangelho que Paulo prega e pelo qual ele recusa sentir vergonha, mesmo sabendo que o mundo, tanto judeus quanto gentios, o veriam como uma loucura.

Dessa forma, a entrada de Jesus em um jumento, longe de ser um sinal de fraqueza, revela a verdadeira natureza de seu reino e caráter. Cristo redefine o conceito de realeza e poder. Seu reinado não é imposto pela força, mas pela redenção e reconciliação, algo que para os padrões do mundo antigo era visto como fraqueza.

Essa escolha também reflete um contraste com os costumes imperiais romanos, onde o poder se expressava pela força bruta e exibições militares impressionantes, evidenciadas pela simbologia dos cavalos majestosos e armados.

Portanto, quando Paulo afirma que não se envergonha do evangelho, ele está se alinhando a essa nova visão de poder, onde a fraqueza e a humilhação são, na verdade, meios pelos quais Deus manifesta seu poder salvador. Jesus, o Messias crucificado, não só subverte as expectativas, mas cumpre a promessa de um reino eterno de justiça e paz. O teólogo John Stott observa: "A cruz é a negação de toda a sabedoria e poder humanos, mas é também o lugar onde o poder de Deus para salvar é revelado" (Stott, 2002, p. 65).

Para os gentios, especialmente os romanos, a cruz representava a forma mais desonrosa de execução. Assim, anunciar que a salvação do mundo vinha através de alguém que foi crucificado parecia absurdo.

Paulo se refere a essa realidade em 1 Coríntios 1:18, dizendo que "a palavra da cruz é loucura para os que perecem, mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus".

O teólogo F. F. Bruce também destaca que o "caráter paradoxal do evangelho repousa justamente no fato de que Deus usou o que era considerado o máximo da vergonha e fraqueza humanas para revelar Seu poder e sabedoria" (Bruce, 1981, p. 72).

3.6.4 As Dificuldades e Perseguições Enfrentadas por Paulo

Paulo, em sua jornada missionária, enfrentou inúmeras dificuldades que poderiam tê-lo levado a se envergonhar do evangelho. Ele foi preso, açoitado, apedrejado e ridicularizado em várias cidades por onde passou. O relato em 2 Coríntios 11:23-28 descreve o sofrimento físico e emocional que Paulo suportou por causa da pregação do evangelho.

Diante dessas circunstâncias, o evangelho poderia ser visto como algo vergonhoso, não apenas pela mensagem que anunciava, mas também pelas consequências sofridas por aqueles que o proclamavam.

Hernandes Dias Lopes enfatiza que Paulo "não se envergonha do evangelho porque ele sabe que todo o sofrimento que experimenta é parte de seu chamado, e que o evangelho é o único poder capaz de trazer salvação" (Lopes, 2010, p. 51).

3.6.5 A Crucificação como Símbolo de Vergonha

Como vimos, a crucificação era um dos castigos mais humilhantes do mundo romano. Destinada a traidores, rebeldes e criminosos violentos, a morte na cruz envolvia exposição pública, agonia prolongada e extrema vergonha. Isso é ilustrado no tratamento que Jesus recebeu antes e durante sua crucificação: Ele foi ridicularizado, coroadado com espinhos, açoitado e exposto nu na cruz.

A vergonha associada à crucificação era tão grande que muitos evitavam falar sobre o assunto abertamente. No entanto, Paulo vê a cruz sob uma nova perspectiva.

Para ele, a cruz, em vez de ser uma vergonha, era o local onde o poder de Deus se manifestava de forma mais clara. Através da morte e ressurreição de Cristo, a cruz se tornou o ponto de reconciliação entre Deus e a humanidade.

O teólogo Karl Barth comenta que "a cruz de Cristo, ao contrário de qualquer expectativa humana, é onde a verdadeira glória e sabedoria de Deus são reveladas. É lá que Deus derrota o pecado e a morte, não através da força, mas através da fraqueza" (Barth, 1975, p. 89).

A crucificação era tão vergonhosa que poucos cidadãos romanos de status elevado eram executados dessa maneira. Era reservada para crimes hediondos, como traição ao império, assassinato, rebelião e insurreição. Os crucificados eram expostos publicamente, nus, em uma exibição de completa humilhação.

Para os judeus, a ideia de que o Messias, o prometido salvador, poderia ser condenado à morte da maneira mais desonrosa possível era um obstáculo intransponível. Isso explica porque Paulo, como judeu, teve que superar um grande obstáculo mental e espiritual para não se envergonhar do evangelho.

Além disso, a morte na cruz não era apenas física; ela carregava implicações espirituais profundas. **Jesus** foi feito maldição em nosso lugar. Paulo afirma em **Gálatas 3:13**: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós, pois está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro." Jesus suportou a humilhação e o escárnio da cruz para que pudesse redimir a humanidade.

Jesus advertiu claramente sobre a questão de se envergonhar dEle e de sua mensagem. Em Marcos 8:38, Jesus disse: "Pois, quem se envergonhar de mim e das minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos."

Esta é uma advertência séria que ressalta a importância de não nos envergonharmos do evangelho. A mensagem é clara: se alguém se envergonhar de Cristo diante dos homens, Cristo também se envergonhará dessa pessoa diante de Deus no julgamento final.

2 Timóteo 1:8 é outra passagem significativa sobre o tema. Paulo encoraja Timóteo, dizendo: "Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu; antes, participa comigo dos sofrimentos do evangelho segundo o poder de Deus." Aqui, Paulo está dizendo que sofrer pelo evangelho não é algo de que devemos nos envergonhar, mas uma honra.

Martyn Lloyd-Jones observa que, humanamente falando, havia todas as razões para Paulo se envergonhar do evangelho: ele estava pregando uma mensagem sobre um homem que foi executado como criminoso, e sua mensagem era rejeitada tanto pelos poderosos quanto pelos intelectuais da época. Mas Paulo entendeu algo que o mundo não podia ver: o evangelho é o "poder de Deus". Portanto, longe de ser uma vergonha, é a maior demonstração de poder e amor divino.

Nós, como cristãos, também somos chamados a não nos envergonhar do evangelho, independentemente das reações do mundo. Marcos 8:38 nos lembra que nossa fidelidade ao evangelho terá consequências eternas. Portanto, devemos seguir o exemplo de Paulo, proclamando com coragem e confiança o poder do evangelho para a salvação de todos aqueles que creem.

Concluindo, Paulo não se envergonha do evangelho porque, apesar de todas as razões que o mundo lhe dava para tal — a humilhação da cruz, o desprezo dos sábios e poderosos, as dificuldades que enfrentou — ele sabia que o evangelho era o poder de Deus para a salvação. Ele havia experimentado esse poder em sua própria vida e sabia que ele era o único caminho para a redenção da humanidade. Assim, Paulo vê além da vergonha e da zombaria, e encontra na cruz a expressão máxima do amor e poder de Deus.

3.7 O Evangelho: O Poder de Deus para Salvação

Nos versículos 16 e 17, Paulo apresenta o evangelho como o poder de Deus para a salvação de todos os que creem: “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego.” (Romanos 1:16).

Essa declaração é central não apenas na carta de Paulo, mas em toda a teologia cristã. A partir desse versículo, Paulo afirma a natureza do evangelho como a única força capaz de transformar vidas, independentemente da etnia, cultura ou status social. Neste capítulo, exploraremos o significado profundo do evangelho como o "poder de Deus" e as implicações dessa verdade para a nossa vida cristã.

3.7.1 O Evangelho: Uma Fonte de Poder

A palavra "poder" aqui é traduzida do termo grego “**dunamis**”, de onde deriva a palavra "dinamite". Segundo **Hernandes Dias Lopes** (2012), isso nos mostra que o evangelho é uma força explosiva, que transforma radicalmente a vida das pessoas. Não é meramente um conjunto de doutrinas ou regras religiosas, mas o meio através do qual Deus opera de forma sobrenatural na vida humana. O evangelho não só informa, mas transforma.

Para **John Stott** (2002), o poder do evangelho está no fato de que ele atua diretamente sobre a condição espiritual do ser humano. Ele não trata superficialmente dos sintomas do pecado, mas vai à raiz da condição pecaminosa do homem. “**O evangelho não é apenas uma teoria, é uma energia viva que invade o coração humano e opera a sua redenção**” (Stott, 2002, p. 41).

Essa força divina não depende da capacidade do ser humano, mas é inteiramente originada em Deus, que através de Sua graça capacita o homem a crer e a ser salvo.

3.7.2 O Evangelho é para Todos

Paulo também destaca a universalidade do evangelho: “**primeiro do judeu, depois do grego**” (Romanos 1:16). Isso significa que o evangelho não faz distinção entre pessoas, nações ou culturas. Todos, sem exceção, precisam da salvação que só Cristo oferece. Para **Hernandes Dias Lopes** (2012), essa mensagem reflete a natureza inclusiva do plano redentor de Deus, que abraça tanto os judeus, escolhidos de Deus, quanto os gentios, que estavam longe das promessas, mas foram alcançados pela graça.

A inclusão dos gentios no plano de salvação foi um choque para muitos judeus do tempo de Paulo. No entanto, **F. F. Bruce** (1980) explica que essa era a intenção original de Deus desde o princípio. Desde a aliança com Abraão, Deus prometeu abençoar “todas as nações da terra” (Gênesis 12:3), e o evangelho cumpre essa promessa. Paulo, ao falar aos romanos, destaca que a salvação não está vinculada à lei judaica, mas à fé em Jesus Cristo, acessível a todos os povos.

3.7.3 O Evangelho Centralizado na Cruz

O evangelho, segundo Paulo, é o poder de Deus para a salvação porque está centrado na cruz de Cristo. A cruz, para o mundo, era motivo de escárnio e vergonha. Era reservada para os criminosos mais vis. Como **Hernandes Dias Lopes** aponta, “a cruz de Cristo era um símbolo de maldição e desonra, uma vergonha pública, pois era o método de execução mais humilhante e doloroso da época” (Lopes, 2012, p. 67).

O teólogo **Timothy Keller** reforça que “a cruz não era apenas um instrumento de morte, mas um símbolo de repúdio social, a máxima expressão da fraqueza e derrota aos olhos dos homens” (Keller, 2015). O evangelho, portanto, apresenta uma aparente contradição: como o ato mais vergonhoso da história humana – a crucificação de Cristo – pode ser o maior poder de Deus para a salvação?

Isso ocorre porque, na cruz, Jesus venceu não apenas o pecado, mas também a morte. **Colossenses 2:15** nos lembra que na cruz Cristo “despojou os principados e potestades e os expôs publicamente, triunfando sobre eles”. Dessa forma, o que era vergonha para os homens tornou-se o maior ato de vitória para Deus.

3.7.4 A Vergonha da Cruz e a Glória do Evangelho

Paulo sabia que a mensagem do evangelho, especialmente centrada na cruz, seria desprezada tanto pelos judeus quanto pelos gentios. Aos judeus, a cruz era um escândalo, pois eles esperavam um Messias político, um libertador militar que derrotaria os opressores romanos. A ideia de um Messias que morresse de forma vergonhosa numa cruz era inconcebível. Aos gentios, a ideia de adorar um homem crucificado era uma tolice (1 Coríntios 1:23).

Mesmo assim, Paulo afirma que **não se envergonha do evangelho**, pois reconhece que o evangelho não depende da aceitação ou aprovação dos homens. Ele sabe que o verdadeiro poder do evangelho não está em sua apresentação social, mas no efeito transformador que ele tem na vida daqueles que o aceitam.

Hernandes Dias Lopes (2012) destaca que "Paulo tinha plena convicção de que o evangelho é a revelação suprema da sabedoria e do poder de Deus, mesmo que o mundo o visse como fraqueza" (p. 72).

3.7.5 Reflexões para a Vida Cristã

O evangelho é mais do que uma mensagem de salvação individual; ele transforma não apenas pessoas, mas também culturas. R. C. Sproul observa que "o evangelho do reino de Deus desafia as estruturas de poder do mundo, pois anuncia que o verdadeiro rei não é César, mas Cristo" (Sproul, 1994). Isso significa que o evangelho tem implicações profundas para a forma como vivemos e nos relacionamos com o mundo.

Aqueles que são alcançados pelo poder de Deus por meio do evangelho devem viver de maneira a demonstrar essa transformação. Paulo, em suas cartas, constantemente exorta os cristãos a viverem de forma digna do evangelho (Filipenses 1:27). Isso envolve, entre outras coisas, não se envergonhar de ser identificado com Cristo e seu evangelho.

Como lemos e citamos, Marcos 8:38 alerta que “quem se envergonhar de mim e das minhas palavras, nesta geração adúltera e pecadora, também o Filho do Homem se envergonhará dele quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos”.

Concluindo, entendemos que o evangelho é o poder de Deus que opera a salvação para todos os que creem. Ele é o coração da fé cristã e o meio pelo qual Deus transforma as vidas humanas. O poder do evangelho não está nas habilidades retóricas de quem o prega, nem nas expectativas humanas, mas na ação sobrenatural de Deus que opera a redenção por meio da cruz de Cristo.

A importância do evangelho como poder transformador é destacada por teólogos como F. F. Bruce, que observa que “Romanos é a principal exposição do Evangelho, abrangendo a salvação, a santificação e a soberania de Deus” (Bruce, 2010). Paulo vê o evangelho não como uma simples mensagem, mas como o próprio poder de Deus que realiza a transformação e a salvação.

Paulo não se envergonhava do evangelho porque sabia que, embora fosse visto com desprezo pelo mundo, ele era o único meio de salvação.

O evangelho ainda hoje confronta as falsas expectativas humanas, chamando todos a reconhecerem a sua fraqueza e dependência do poder de Deus. Como disse Martinho Lutero: "O evangelho é a verdadeira porta para a Bíblia e para a vida".

3.8 Justificação pela Fé para Judeus e Gentios

No versículo 17 de Romanos 1, Paulo afirma: “Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé” (Romanos 1:17). Este versículo é fundamental para a compreensão da doutrina da justificação pela fé, que é um tema central na Epístola aos Romanos.

A expressão “justiça de Deus” refere-se à maneira pela qual Deus declara uma pessoa justa com base na fé em Jesus Cristo. Paulo está enfatizando que a justiça de Deus é revelada através do evangelho e é recebida pela fé, e não pelas obras. Esta visão é um princípio fundamental da teologia cristã.



Martinho Lutero, um dos mais proeminentes defensores desta doutrina. Ele afirmou que “Romanos é a porta para o Evangelho e a Bíblia” (Lutero, Comentários sobre a Epístola aos Romanos), destacando a importância da justificação pela fé como um princípio central da Reforma Protestante.

Lutero argumentava que a justificação não pode ser alcançada por boas obras ou rituais, mas é um dom gratuito de Deus recebido pela fé em Jesus Cristo. Esse conceito foi crucial para sua crítica à Igreja Católica e para a promoção da salvação pela fé.

João Calvino, em sua obra "Institutas da Religião Cristã", também enfatizou a justificação pela fé, afirmando que a fé é o meio pelo qual o crente é declarado justo diante de Deus.

Para Calvino, a justificação não é baseada nas obras humanas, mas na justiça de Cristo imputada ao crente (Calvino, Institutas da Religião Cristã). Calvino viu a justificação pela fé como uma parte essencial do plano de salvação revelado nas Escrituras.

A Reforma Protestante, que começou em 1517 com a publicação das 95 Teses de Lutero, foi profundamente influenciada pela ênfase na justificação pela fé.

Lutero e outros reformadores, como Calvino, contestaram a prática de indulgências e a ideia de que a salvação poderia ser comprada ou alcançada por obras. Em vez disso, eles enfatizaram que a justificação é um dom gratuito de Deus, recebido pela fé em Jesus Cristo.

Em 2024, comemoramos 507 anos desde o início da Reforma. Este evento foi fundamental para a formação das principais tradições protestantes e continua a influenciar a teologia cristã até hoje. A justificação pela fé permanece um princípio central, reforçando a ideia de que a salvação é um presente de Deus, acessível a todos, independentemente de sua origem.

Vamos explorar mais profundamente a Reforma Protestante e sua influência em uma aula específica sobre o tema em breve, onde discutiremos suas implicações históricas e teológicas em maior detalhe.

Referências

BARCLAY, William. *As Cartas do Novo Testamento*. Philadelphia: Westminster Press, 1976.

BARTH, Karl. *The Epistle to the Romans*. Oxford: Oxford University Press, 1975.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.

BRUCE, F. F. *Romanos: Introdução e Comentário*. Tradução de Sérgio T. de Souza. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

CALVINO, João. *Comentário sobre a Epístola aos Romanos*. Tradução de José A. de Castro. São Paulo: Editora Vida Nova, 2010.

CLÁUDIO, José. *Paulo e a Ressurreição: O Poder da Vitória*. Rio de Janeiro: Editora Betânia, 2015.

HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. Tradução de Jorge M. A. de Lima. São Paulo: Editora Monergismo, 2006.

HORSLEY, Richard. *A Igreja Primitiva*. São Paulo: Paulinas, 2013.

LIBANIO, João Batista. *A Vida Cristã Segundo Paulo: Uma Reflexão sobre a Carta aos Romanos*. São Paulo: Editora Loyola, 2015.

LOPES, Hernandes Dias. *Comentário sobre Romanos*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2015.

LOPES, Hernandes Dias. *O Evangelho de Cristo: Promessas e Cumprimento*. São Paulo: Editora Hagnos, 2014.

LOPES, Hernandes Dias. *Romanos: A Justificação pela Fé*. São Paulo: Editora Hagnos, 2007.

LOPES, Hernandes Dias. *Romanos: O Evangelho Segundo Paulo*. São Paulo: Editora Hagnos, 2010.

LUTERO, Martinho. *Comentários sobre a Epístola aos Romanos*. Tradução de Adolfo de Carvalho. São Paulo: Editora Vida Nova, 2007.

MOO, Douglas J. *A Epístola aos Romanos*. Grand Rapids: Editora Eerdmans, 1996.

NICODEMUS, Augustus. *A Realização das Promessas: O Evangelho e as Expectativas Messiânicas*. São Paulo: Editora Vida, 2015.

NICODEMUS, Augustus. *Romanos: Uma Introdução ao Livro*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018.

STOTT, John. *A Cruz de Cristo*. Leicester: IVP, 1986.

STOTT, John. *O Apóstolo Paulo: Seu Evangelho e Sua Vida*. Tradução de Daisy G. de Souza. São Paulo: Editora Vida Nova, 2005.

WIERSBE, Warren. *Comentário Bíblico Wiersbe*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

WRIGHT, N. T. *Paulo e a Vitória de Deus*. Tradução de Paulo R. de Carvalho. São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.

ZIBORDI, Ciro Sanches. *Comentário Bíblico: Romanos*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2020.